



João Ricardo Schneider*

* Engenheiro Civil. Voluntário do IIPC.
kdoschneider@yahoo.com.br

Palavras-chave

Ciência
Epistemologia
Parafenomenologia
Parapercepciologia
Parapsiquismo
Refutaciologia

Keywords

Epistemology
Paraperceptiology
Paraphenomenology
Parapsychism
Refutation
Science

Palabras-clave

Ciencia
Epistemología
Parafenomenología
Parapercepciología
Parapsiquismo
Refutaciología

Hipóteses em Parafenomenologia

Hypotheses in Paraphenomenology

Hipótesis en Parafenomenologia

Resumo:

Neste trabalho analisa-se diversas hipóteses sobre a existência e a natureza dos parafenômenos com o objetivo de aprofundar os fundamentos de seu estudo científico e propõe-se a hipótese conscienciológica como a mais abrangente para a interpretação de fatos e parafatos envolvidos na análise.

Abstract:

This paper analyzes various hypotheses on the existence and nature of paraphenomena with the objective of deepening the foundations of their scientific study. The conscienciological hypothesis is proposed as the most comprehensive approach for the interpretation of the facts and parafacts involved in the analysis.

Resumen:

En este trabajo se analizarán diversas hipótesis sobre la existencia y la naturaleza de los parafenómenos con el objetivo de profundizar los fundamentos de su estudio científico y se propone la hipótesis conscienciológica como la que más abranje para la interpretación de hechos y parahechos envueltos.

INTRODUÇÃO

Definição. A *hipótese* é a proposição ou o conjunto de proposições antecipadamente aceitas como válidas para orientar uma investigação, fornecer uma explicação ou prever conseqüências em determinado fenômeno. Deve ser posteriormente verificada, a fim de ser atestada sua validade através da lógica e da experimentação.

Esclarecimento. Devido à dificuldade existente na comunidade científica convencional em tratar do tema da Parafenomenologia e à tendência de os cientistas desviarem-se de investigações mais profundas

sobre parafatos e incorrerem em erros de interpretação, considerou-se válido avaliar, no presente artigo, as hipóteses parapsíquicas apresentadas até a atualidade.

Hipóteses. Apesar de a pesquisa parafenomenológica em meios acadêmicos ortodoxos ser ainda superficial, houve várias tentativas, nos últimos dois séculos, de se criar hipóteses como as que serão expostas neste trabalho, para descrever a natureza dos fenômenos parapsíquicos verificados nas mais diversas culturas – algumas esdrúxulas e outras mais bem elaboradas.

Teoricismo. A maioria das hipóteses é sustentada por pesquisadores sem a mínima experiência parapsíquica pessoal. De modo geral, a opinião de sensitivos foi prontamente descartada pelo fato de não ser considerada científica (VILELA, S. D., p. 43 e 53). Desse modo, o veredicto final sobre o assunto acabou ficando na mão de acadêmicos, em sua maioria *teóricos* no assunto.

Analogia. A chance de uma hipótese sobre os parafenômenos, baseada em métodos teóricos, aproximar-se da realidade é a mesma chance de um citologista que nunca utilizou um microscópio efetuar uma nova descoberta em suas investigações.

Resistência. A rigor, qualquer fenômeno observado na natureza é objeto de estudo em potencial para a Ciência, mas, paradoxalmente, na comunidade científica há grande resistência à aceitação dos fenômenos parapsíquicos como sendo objetos de estudo reais e observáveis com a metodologia tradicional.

Objetivo. Ao longo do trabalho, serão apresentadas as mais usuais hipóteses parafenomenológicas empregadas no ambiente acadêmico convencional, objetivando mostrar seus pontos fortes e suas incoerências.

Metodologia. Visando o melhor aproveitamento das análises, será adotado, como método, o estudo de cada hipótese considerando seus pontos de reforço e seus pontos de refutação, na tentativa de mostrar quais delas são as mais consistentes.

Conflituosidade. Como existem hipóteses diversas e muitas delas são conflitantes entre si, para se adotar um único modelo explicativo que esclareça a real natureza dos fenômenos parapsíquicos deve-se empregar o choque entre teorias como princípio básico da construção do conhecimento científico.

Critérios. Quando existem duas ou mais maneiras de se explicar o mesmo fato, surge a necessidade de se realizar a confrontação entre elas, através de critérios epistemológicos para a seleção da melhor hipótese entre várias e, assim, eliminar gradualmente as hipóteses menos consistentes. Seguem, abaixo, 2 critérios lógicos para a adoção de uma teoria válida (LEE, 2003, p. 42-48):

1. **Generalização.** Se uma teoria tem capacidade para somente explicar um caso isolado ou deixa muita coisa por explicar, ela é fraca; à medida que consiga ser mais abrangente, ganha força. Quanto mais abrangente é uma teoria, mais força possui.

2. **Occam.** A *Navalha de Occam* é um princípio epistemológico criado para resolver impasses quando duas ou mais hipóteses tiverem a mesma abrangência. Nesses casos, deve-se aceitar como válida a hipótese mais simples, que consiga abarcar uma explicação lógica de todo o fenômeno, ou a hipótese sustentada pelo paradigma anteriormente bem estabelecido. Sendo assim, o objetivo dos cientistas inovadores que visam revolucionar paradigmas deve ser encontrar *anomalias* não explicadas pelos conjuntos teóricos vigentes.

Existência. O primeiro foco de discussões deste trabalho será sobre as hipóteses que defendem a inexistência dos fenômenos, sobre diversos pretextos e pontos de vista. A argumentação terá por objetivo a demonstração da necessidade da existência dos fenômenos parapsíquicos para explicar os parafatos.

Natureza. Em seguida, as argumentações terão em seu ponto central a discussão sobre a natureza dos fenômenos, tendo de um lado a hipótese espiritualista, que considera os parafenômenos como produto da

ação de consciexes – espíritos – e, de outro, as hipóteses naturalistas, pontos de vista que tendem a reduzir os parafenômenos a manifestações cerebrais.

Conscienciologia. Após a apresentação das hipóteses, será realizada avaliação de seu conjunto e comparação com a hipótese conscienciológica.

I. EXISTÊNCIA DE FENÔMENOS PARAPSÍQUICOS

Dicotomia. Alguns pesquisadores da Parapsicologia, ao modo do psiquiatra francês Robert Amadou (1924–2006), defendem a inexistência de fenômenos parapsíquicos e extrafísicos, sob o argumento de que existe uma parcela da realidade a qual a Ciência tem capacidade para investigar, parcela totalmente explicável segundo as leis da Física e da Biologia, e outra parte constituída de fenômenos não explicáveis pela Ciência, mas apenas pela fé, pela vontade divina – milagres, e pela religiosidade (AMADOU, 1966, p. 9).

Justificativa. Esse ponto de vista coloca de um lado o materialismo e de outro o dogma religioso, eliminando o espaço necessário para as investigações parapsíquicas (ARESI, 1983, p. 13). Tais pesquisadores, abertamente católicos, não utilizam a ciência de modo isento, numa tentativa de, através dos fatos, aprofundar seu conhecimento sobre a realidade, mas sim como instrumento para justificar seus dogmas religiosos (QUEVEDO, 1968, p. 455).

Cientificidade. Uma avaliação epistemológica isenta ensina que as fronteiras do conhecimento científico não podem ser delimitadas pelo *zeitgeist* de uma época específica; a Ciência deve determinar-se por si mesma, através dos fatos, e não ser empregada para perpetuar o conhecimento pré-existente.

Fossilização. A discussão científica acaba no momento em que existe tentativa, mais ou menos velada, por parte de pesquisadores, de adequar o funcionamento do Cosmos à suas hipóteses concebidas *a priori*. Tais tentativas são desprovidas de cientificidade, representam opiniões e crenças de grupos fossilizados, ultrapassados, que através de argumentações falaciosas procuram conter os avanços da Ciência e, assim, manter o seu *status quo*.

Prudência. Para pesquisadores comprometidos em alcançar novas verdades relativas em qualquer âmbito da Ciência, uma postura saudável é a da prudência. Em se tratando do estudo da Parafenomenologia, pesquisadores que não tenham tido experiências pessoais extrafísicas capazes de comprovar a veracidade do universo multidimensional são convidados a estudar o assunto, analisar inicialmente as hipóteses formadas a partir da experiência pessoal de outros conscins e buscar obter auto-experiências, sempre com uma postura crítica perante o fenômeno – nem misonéista, nem crente.

Auto-experimentação. O ideal em qualquer situação é buscar, sem alienação, a obtenção de fenômenos parapsíquicos por iniciativa própria, com a intenção de se libertar da necessidade de pareceres externos para formar opiniões pessoais.

Ad hominem. Ainda existem grupos de pesquisadores que buscam a todo o custo desacreditar o parapsiquismo por interesses diversos. Em geral, as primeiras e mais primárias tentativas de desmerecer os fenômenos são argumentações *ad hominem*, formuladas com o objetivo de desacreditar o sensitivo e, conseqüentemente, desacreditar os fenômenos, acabando rapidamente com a polêmica sobre o tema (KURTZ, 1985, p. 23 e 186).

Idéias. Argumentos *ad hominem* não são suficientes para refutar um ponto de vista teórico. Para esse fim, são necessárias argumentações mais bem embasadas, geradas pela análise de idéias, e não de pessoas.

Hipóteses. Neste trabalho, tais hipóteses serão classificadas em 3 grupos básicos, listados a seguir:

1. Hipótese da Alucinação

Definição. A *hipótese da alucinação* é a argumentação que consiste em enquadrar o sensitivo na categoria de perturbado mental e, sendo assim, os parafenômenos na de produtos de defeitos cerebrais. Segundo a hipótese em questão, os estímulos ditos extrafísicos inexistem, não passando de alucinação (FIRST, 1995, p. 264-272).

Defensores. A alucinação é a explicação psiquiátrica por excelência, utilizada, por exemplo pelo psiquiatra francês Pierre Janet, que estudou pacientes realmente neuropatas e demonstrou como eles têm alucinações visuais e auditivas (VILELA, S. D., p. 126). Antes de qualquer verificação mais aprofundada, a Psiquiatria tende a enquadrar percepções não-físicas como sintomas de esquizofrenia, epilepsia ou patologias semelhantes. Não há preocupação com o desenvolvimento de outras explicações, além da alucinação, para fenômenos como clarividência, clariaudiência, sensações energéticas e transes parapsíquicos (IMBASSAHY, 1967).

Pontos de reforço. A partir de casos clínicos, pode-se traçar paralelos entre alguns sintomas neuropáticos e percepções parapsíquicas, como alucinações visuais e auditivas comuns em pacientes com distúrbios mentais. A partir dessa demonstração, tenta-se enquadrar todo sensitivo nesse mesmo quadro clínico (IMBASSAHY, 1949, p. 143). Essa tendência dos psiquiatras em classificar *a priori* os parafenômenos como distúrbios alucinatórios é compreensível, pois eles simplesmente tendem a enquadrar os fatos anômalos nos distúrbios em que são especialistas e com os quais lidam em seu cotidiano.

Pontos de refutação. A fragilidade de tal ponto de vista está no fato de empregar de modo errôneo o *método indutivo* para chegar a generalizações e conclusões. O método indutivo é caminho lógico para chegar-se a conclusões, partindo-se de dados particulares – experiências, fatos – a fim de criar enunciados gerais que explicam diversos outros casos.

Erro. O erro no emprego da indução ocorre quando são gerados enunciados conclusivos analisando-se uma pequena quantidade de dados. Quanto maior o número de amostragens analisadas, menor a chance de erro ao aplicar esse método investigativo. Por exemplo, se um estrangeiro entrar no Brasil e em sua recepção no aeroporto ele ver somente homens com barba, pode chegar à conclusão errônea de que “todo homem brasileiro possui barba”.

Refutação. O mesmo ocorre com relação ao parapsiquismo. Não é porque existem casos explicados como alucinações que se pode chegar a um enunciado geral semelhante ao de que “todo fenômeno parapsíquico não passa de alucinação”. Além de um erro teórico, tal concepção pode ser mesmo considerada ignorância do assunto, pois existem na literatura parapsíquica inúmeros relatos em que a hipótese da alucinação não pode ser considerada, pois o objeto percebido parapsiquicamente foi posteriormente verificado como sendo real e condizente com a descrição do sensitivo (DELLANE, 1948, p. 101).

2. Hipótese da Fraude

Definição. A *hipótese da fraude* é a argumentação que consiste em classificar os fenômenos parapsíquicos como casos fraudulentos e considerar os sensitivos como sendo magos, ilusionistas ou prestidigitadores que, consciente ou inconscientemente, abusam da boa-fé das testemunhas do fenômeno (FREIRE, 1955, p. 48).

Defensores. Essa hipótese foi fortalecida no final do século XIX, principalmente pela imprensa da época, através de demonstrações públicas de grandes ilusionistas, tais quais as realizadas pelo mágico

Harry Houdini (1874–1926), nas quais simulava diversos fenômenos parapsíquicos, principalmente telepatia e materialização de consciências, através de truques (INGLIS, 1984, p. 163).

Pontos de reforço. A força de tal argumentação aumentou quando alguns charlatões e sensitivos de renome passaram a ser pegos fraudando em suas atividades ditas parapsíquicas. Alguns dos flagrados não tinham parapsiquismo algum, apenas resolveram aproveitar o modismo criado em torno dos fenômenos para ganhar fama e dinheiro. Outros, dentre os quais a sensitiva de efeitos físicos italiana Eusapia Paladino (1854–1918), passaram várias vezes por rigorosos testes que comprovaram suas capacidades parapsíquicas autênticas (IMBASSAHY, 1949, p. 34; LOMBROSO, 1990, p. 29 e 30) embora, em outras oportunidades, tivessem sido surpreendidos em ações fraudulentas (KURTZ, 1985, p. XVII).

Oportunidade. Essas situações específicas foram, e ainda são, amplamente utilizadas pelos opositores dos parafenômenos. Toda vez que um sensitivo, por mais sério que aparentasse ser, fosse pego uma única vez fraudando, era desprestigiado por forte propaganda a fim de desmerecer suas capacidades e assim enfraquecer as hipóteses pró-fenômenos.

Pontos de refutação. O problema quanto às fraudes passa, primeiramente, pelo mesmo erro indutivo da hipótese da alucinação: não é porque existem casos de fraudes, até mesmo grosseiras, que todos os casos registrados de fenômenos parapsíquicos na história humana podem ser resumidos a logros.

Refutação. Além disso, com o passar do tempo, foram sendo desenvolvidos diversos métodos de avaliação dos fenômenos para a detecção de fraudes que praticamente inibiram sua possibilidade de ocorrência – consciente ou mesmo inconsciente. Apesar de a fraude ter sido praticamente eliminada dos experimentos mais sérios, os fenômenos “teimosamente” persistiram, evidenciando que a fraude não pode servir para explicar os fenômenos em questão.

Contra-argumentação. O físico e químico britânico William Crookes (1832–1919) argumentava contra as explicações baseadas na hipótese da fraude afirmando que “o valor teórico de 100 experiências negativas fica literalmente anulado por uma só experiência positiva, bem observada” (BOZZANO, 1992, p. 21).

3. Hipótese das Coincidências Fortuitas

Definição. A hipótese das coincidências fortuitas é a argumentação que consiste em considerar os fenômenos parapsíquicos como sendo obras do mero acaso, sem relação determinística de causa e efeito (RICHET, S. D., p. 39).

Sincronicidade. Alguns pesquisadores – principalmente especialistas em Matemática e Estatística – afirmam que os fenômenos ditos parapsíquicos ocorrem, algumas vezes, dentro da inumerável quantidade de vivências diárias do ser humano, por obra do acaso (McCONNELL, 1982, p. 19). Uma variante dessa idéia é a da *sincronicidade*, proposta pelo suíço Carl Gustav Jung (1876–1961), segundo a qual tais fenômenos pertencem a uma dimensão que extrapola o espaço-tempo e são espécies de coincidências significativas, vinculadas de maneira não-causal, cada qual proveniente de cadeia causal distinta (JUNG, 2002, p. 57).

Estatística. A polêmica referente a esse ponto de vista levou o parapsicólogo americano Joseph Banks Rhine (1895–1980) a desenvolver um método estatístico e probabilístico eficiente para ser empregado em experimentos de telepatia, clarividência e precognição. Foi realizada uma infinidade de testes com o auxílio das Cartas Zener.

Zener. O método consiste em se utilizar um baralho com 25 cartas, cada 5 delas com um desenho diferente. As cartas são embaralhadas automaticamente e o sensitivo tem 25 tentativas – todo o baralho – para adivinhar o conteúdo do maior número de cartas (INGLIS, 1984, p. 271). O número de 5 acertos é obra do acaso, mas, a partir de 6 acertos em 25, pode-se considerar cada vez menor a chance do ter ocorrido o acaso.

Estatística. Em Estatística, quando se chega a chances de acaso menores do que 1:100 – uma vez em cem –, considera-se a chance de acaso excluída, ou o experimento como *estatisticamente significativo*.

Exemplo. Se um sensitivo tiver em 8 séries de experimentos com 25 cartas a média de 6,5 acertos em cada experimento, a chance de o experimento ser obra do acaso chega a 1:150, eliminando matematicamente a chance da coincidência (PAULÍ, 1975, p. 200). Alguns casos relatados por Rhine (1966, p. 17), descrevem sensitivos que, após uma bateria de 700 experimentos, alcançaram o escore de 8 acertos em média. Para representar a chance de tais experimentos serem obra do acaso, seria preciso um “parágrafo inteiro de algarismos”. Para fins de comprovação acadêmica, apenas um desses casos deveria ser suficiente para comprovar, em laboratório, a existência da telepatia, da clarividência e da precognição, independente de qualquer experimento com outros sensitivos.

Provas. Embora as pesquisas fossem bem embasadas e promovidas por pesquisadores sérios e bem intencionados, utilizando-se do método de análise estatístico-experimental, não se conseguiu realizar experimentos suficientemente convincentes para gerar provas definitivas e coletivas – o *experimentum crucis* – sobre a multidimensionalidade. O mais recomendável ao interessando em tal comprovação, até o momento, é o investimento na auto-experimentação lúcida com sendo a melhor maneira atualmente eficaz para comprovar os fenômenos, de modo individual e intransferível.

Comprovação. Apesar de existirem ainda defensores da inexistência dos fenômenos parapsíquicos, o seu número entre investigadores reconhecidos parece estar diminuindo. Com o investimento de parapsicólogos, ao modo de Rhine, no método estatístico, fenômenos como a telepatia, a clarividência e a precognição estão comprovados laboratorialmente, mesmo ainda não sendo aceitos de forma unânime.

Revolução. O que se nota pelo panorama atual é que mesmo com a reprodução de diversos experimentos parapsíquicos, a aceitação dos parafenômenos pela comunidade científica internacional ainda levará tempo. Isso porque não é do interesse das elites, com apoio de universidades e governos, que haja qualquer mudança no paradigma vigente (McCONNELL, 1982, p. 19), e a aceitação da realidade parapsíquica levará, inevitavelmente, a uma revolução paradigmática.

Natureza. Mesmo podendo comprovar laboratorialmente a existência de certos fenômenos, o método estatístico é uma ferramenta que não passa da superficialidade parafenomenológica. Apesar de a Estatística conseguir comprovar a existência da telepatia, da clarividência e da precognição, ela pára por aí, sem conseguir avançar nas questões mais sérias, como a natureza e a aplicação hígida do parapsiquismo.

II. HIPÓTESES SOBRE A NATUREZA DOS FENÔMENOS

Hipóteses. Ao iniciar as discussões sobre a natureza dos fenômenos, depara-se, dentro do curso histórico das investigações parapsíquicas, com 2 pontos de vista básicos, que preponderam até os dias atuais:

1. Hipótese Espiritualista

Definição. A *hipótese espiritualista* é ponto de vista segundo o qual os fenômenos parapsíquicos são irreduzíveis a processos físico-químicos do corpo biológico, sendo desencadeados por personalidades extrafísicas (WALLACE, 2003, p. 93).

Surgimento. A hipótese surgiu logo após o início do movimento espiritualista, em meados de 1848, nos Estados Unidos da América, através da análise dos fenômenos parapsíquicos e também dos relatos de sensitivos (INGLIS, 1977, p. 204).

Defensores. A defesa desse ponto de vista teve na condição de líderes pesquisadores da qualidade de William Crookes (1832–1919), Gabriel Delanne (1857–1926), Gustav Geley (1865–1924), Alexander Aksakof (1832–1903) e Ernesto Bozzano (1862–1943). Foi um ponto de vista inovador e, por isso, fortemente combatido, tanto pela fração materialista quanto pela fração religiosa da sociedade, por estar em desacordo com os princípios básicos de ambos.

Comprovação. Os pesquisadores espiritualistas defendem que os fenômenos presenciados seriam a prova definitiva da existência da vida após a morte biológica e da realizada dos espíritos ou, conforme neologismo da Conscienciologia, das consciexes.

Pontos de reforço. O principal ponto positivo da hipótese espiritualista é a numerosa quantidade de relatos encontrados na literatura especializada que a maioria das outras hipóteses não consegue explicar, podendo ser generalizada em boa parte dos casos. Desde as primeiras manifestações de fenômenos tais quais aparições, agêneres ectoplásmicos, ectoplasmias, dentre outros, essa hipótese permanece bem estruturada.

Pontos de refutação. O erro mais comum em que incorrem os defensores do espiritualismo é o de tentar associar todo fenômeno possível à manifestação de consciexes. Sua fragilidade é exatamente o fato de generalizarem a hipótese de modo inapropriado, quando em vários casos existem atributos do próprio indivíduo que podem explicar os fenômenos de modo mais simples.

Animismo. Apesar de boa parte dos fenômenos envolver participação de consciências extrafísicas, não se pode deixar de considerar as manifestações anímicas e, em alguns casos, até mesmo explicações *cerebrocênicas* como também possíveis. Por exemplo, a recepção de uma idéia pode ser inspiração de uma consciex, telepatia com outra consciex ou até mesmo uma idéia da própria pessoa.

Crítica. Mesmo havendo pesquisadores reconhecidos, cientistas realmente comprometidos com o avanço da Ciência, muitos deles, defensores da hipótese espiritualista, foram desacreditados sistematicamente pela comunidade científica por serem excessivamente místicos, sob o argumento de que empreendiam suas pesquisas para defender suas crenças religiosas; muitos deles realmente aderiram à doutrina espírita, dentre os quais Aksakof, Delanne e Bozzano.

2. Hipótese Naturalista

Definição. A *hipótese naturalista* é ponto de vista que nega a existência de esferas transcendentais à realidade intrafísica, concebendo os fenômenos parapsíquicos como sendo todos redutíveis ou explicáveis através das leis e fenômenos físicos, mesmo que ainda não estejam bem compreendidos (SHATZ, 1980, p. 19).

Defensores. Os naturalistas surgiram como reação à hipótese espiritualista. Muitos viram nela um modo “científico” de se refutar os conceitos defendidos pelos espiritualistas. Consideravam reais os fenômenos parapsíquicos, ao modo da telepatia e da clarividência, mas alegavam que a hipótese da sobrevivência após a morte e suas decorrências lógicas eram pouco prováveis. Dentre seus principais defensores, podem ser citados René Sudre (1880–1968), Robert Amadou, August Frank Podmore (1856–1910), Charles Robert Richet (1850–1935) e Oscar Quevedo (1930–).

Ponto de vista. Os defensores dessa hipótese repelem a objetividade de fenômenos, como a projeção consciente, por os considerarem inverificáveis cientificamente. Tentam reduzir a totalidade dos fenômenos

parapsíquicos a apenas telepatia e clarividência; alguns, ainda mais extremistas, tentam considerar a telepatia e a clarividência como casos específicos de um único fenômeno, uma espécie de sexto sentido cerebral (AMADOU, 1966, p. 10).

Pontos de reforço. A hipótese possui consistência por explicar um bom número dos casos parapsíquicos que estuda. Sua principal força está no fato de ser defendida por grande parte da comunidade científica e por adaptar-se de maneira muito boa ao paradigma das ciências convencionais, materialistas, por exemplo a Física, a Biologia e a Psicologia. Esse fato põe o critério da *Navalha de Occam*, a seu favor, nos casos que consegue explicar suficientemente.

Pontos de refutação. A hipótese naturalista baseia-se em grupos insulados de fenômenos e nunca sobre a sua totalidade, o que enfraquece sua consistência. Não se sustenta quando empregada para explicar diversos grupos de fenômenos, como pode ser visto na listagem do item *hipótese da prosopopese-metagnomia* (Ver seção II. 2. G).

Variações. Por ter inconsistências teóricas em seus enunciados, a hipótese naturalista começou a tentar adaptar-se a novos fatos, gerando assim diversas variações de suas propostas básicas. Existem diversas hipóteses que poderiam ser estudadas; porém o presente trabalho apresentará somente as 7 mais bem estruturadas:

A. Hipótese do Inconsciente

Definição. O *inconsciente* é o sistema psíquico constituído por todo o conteúdo intraconsciençial que escapa do limiar de consciência do indivíduo e não pode ser trazido ao nível consciente pelo esforço da vontade, aflorando, entretanto, nos sonhos, nos atos falhos e nos estados neuróticos ou psicóticos, quando a consciência não está vigilante.

Sinonímia: hipótese do gênio desconhecido; hipótese da pantomnêsia; hipótese do subconsciente.

Teoria. A *hipótese do inconsciente* consiste em considerar os fenômenos parapsíquicos habilidades inatas do inconsciente humano devido à capacidade do cérebro de evocar – do inconsciente para o consciente – informações alojadas ali em determinado momento. Atribui-se ao inconsciente as habilidades de onisciência, onipresença e onividência.

Criador. A hipótese foi desenvolvida pelo filósofo alemão Karl Robert Eduard von Hartmann (1842–1906), denominado “filósofo do inconsciente”. Em seu ponto de vista, nas profundezas da consciência humana há uma infinidade de conjuntos cognitivos que possui as características listadas abaixo:

1. **Memória.** Capacidade de ampliar e fortalecer a *memória*.
2. **Clarividência.** Capacidade de produzir *clarividência*.
3. **Perturbação.** Capacidade de criar outras personalidades, devido a perturbações orgânicas.
4. **Comunicação.** Capacidade de *comunicação mental* com outras consciências.

Desconhecimento. Apesar da proposição da teoria, pouco se sabe sobre a natureza, a origem e os reais mecanismos do inconsciente humano.

Pontos de reforço. O grande número de publicações e relatos corroboram a existência do inconsciente reforça essa hipótese. A idéia de que o cérebro, em sua manifestação consciente e ordinária, não consegue assimilar toda a informação que chega até ele parece bem clara e facilmente verificável, tanto laboratorialmente quanto terapêuticamente.

Defesa. Um dos mais fortes argumentos para a explicação dos fenômenos, sob bases acadêmicas, é a tentativa de enquadrar a Fenomenologia parapsíquica como sendo produto do inconsciente humano.

Pontos de refutação. Esse ponto de vista é sustentado, em sua grande maioria, por pesquisadores teóricos que não experimentaram os fenômenos parapsíquicos por si. Uma análise crítica e isenta de seus enunciados identifica alguns pontos obscuros e mal explicados, incluindo os 2, a seguir:

1. **Indução.** O maior erro da hipótese é a tentativa de generalizar uma explicação que só cabe a uma parcela dos fenômenos, já que ela não resolve as dúvidas teóricas e práticas referentes a diversos fenômenos, tais quais os listados no item *Hipótese da Prosopopese-metagnomia* (Ver seção III. 2. G).

2. **Natureza.** Essa teoria acaba também gerando uma confusão teórica ao tentar definir todo fenômeno como produção do inconsciente, pois não esclarece nada sobre a natureza dessa manifestação. Se o cérebro físico, através de sua manifestação inconsciente, capta informações à distância, qual a entrada sensorial que esse órgão utiliza? Essa é uma entrada sensorial física?

Onisciência. Ao considerar todo transe parapsíquico manifestação do inconsciente, os defensores da hipótese em questão caem em uma incongruência lógica. Isso porque, nas comunicações parapsíquicas, a inteligência que se manifesta, se identifica enquanto indivíduo distinto do sensitivo. Considerando-se que sob esse ponto de vista o inconsciente é um sistema onisciente, por que erra unicamente em uma interpretação tão básica, ao pensar ser uma consciência extrafísica, quando é somente o inconsciente do sensitivo agindo independentemente de sua vontade consciente? Isso mostra que o atributo da onisciência é utilizado devido a uma conveniência e não é adotado em todos os casos, pois, se fosse, a manifestação de consciências extrafísicas seria aceita.

Parapercepções. A única coisa que conseguem, ao defender esse ponto de vista, é postergar o problema, pois não explicam de maneira satisfatória como o inconsciente capta os estímulos. O emprego do inconsciente não elimina a necessidade de entradas sensoriais extrafísicas para a captação de informações.

Tentativa. Não sabendo de que modo o nível consciente de manifestação funciona, muito menos o inconsciente, pesquisadores tentam erroneamente entrincheirar-se na hipótese do inconsciente a fim de desacreditar a existência de múltiplas dimensões e a possibilidade de manifestação da consciência após a morte do corpo biológico.

B. Hipótese da Hiperestesia

Definição. A *hipótese da hiperestesia* é ponto de vista que considera os parafenômenos não na qualidade de parapsíquicos, mas sim como sendo resultado da superexcitação dos sentidos físicos, que por algum motivo tornam-se hipersensíveis aos estímulos externos.

Pontos de reforço. Existem testes laboratoriais em que indivíduos demonstram a capacidade de ler com a ponta dos dedos, com os pés, ouvir e enxergar à distância além do normal. Os defensores da idéia da hiperestesia justificam esses acontecimentos atribuindo-os a percepções sensoriais muito aguçadas do indivíduo (QUEVEDO, 1968, p. 41).

Pontos de refutação. O erro desse ponto de vista ocorre quando se tenta gerar confusão ao utilizá-lo para refutar as hipóteses sobre a realidade extrafísica dos fenômenos. A hiperestesia pode explicar ocorrências em que o sensitivo capta informações sobre eventos relativamente próximos – em salas contíguas, por exemplo. Porém, torna-se indemonstrável e insustentável ao tentar explicar casos em que centenas de

quilômetros separam o sensitivo dos eventos percebidos, como a simulcognição de Emannuel Swedenborg (1688–1772) sobre o incêndio em Estocolmo (BESTERMAN, 1968, p. 69).

C. Hipótese da Bio-informação

Definição. A *hipótese da bio-informação* é a concepção de que os fenômenos parapsíquicos são resultantes somente de transmissão telepática, de cérebro para cérebro, através de um mecanismo biológico que emite e capta ondas eletromagnéticas, com propriedades análogas às do rádio ou telégrafo (PUSHKIN; DUBROV, 1980, p. 167).

Sinonímia: hipótese das ondas eletromagnéticas cerebrais; hipótese do rádio mental; hipótese do telégrafo sem fio.

Pontos de reforço. Essa hipótese foi muito divulgada, principalmente na Rússia e demais países comunistas, por ser convenientemente adequada às suas doutrinas materialistas. Além do mais, o rádio era meio de comunicação muito popular na primeira metade do século XX, fazendo com que a sociedade da época logo se familiarizasse com a idéia.

Pontos de refutação. As transmissões telepáticas não obedecem às leis do eletromagnetismo porque: não sofrem interferência de ondas eletromagnéticas ou problemas de transmissão, como alteração ou perda de potencial; não são afetadas por grandes distâncias; não são bloqueadas por estruturas que filtrem ondas eletromagnéticas (McCONNELL, 1981, p. 41).

Limitação. Além disso, a hipótese apresentada limita-se a tentar explicar as transmissões telepáticas, deixando inexplicados todos os demais fenômenos parapsíquicos.

D. Hipótese do Psiquismo Coletivo

Definição. A *hipótese do psiquismo coletivo* consiste em explicar os fenômenos parapsíquicos supondo-os resultantes da existência de um campo informacional, coletivo, que forma parte do inconsciente de todo indivíduo e permite, através dele, a captação de informações de modo transcendente aos órgãos sensíveis humanos.

Sinonímia: hipótese do campo mórfico; hipótese do campo informacional; hipótese do inconsciente coletivo; hipótese do polipsiquismo.

Pontos de reforço. Essa argumentação fortalece-se por empregar idéia que corrobora pesquisas anteriores na área do inconsciente humano e com conceitos apresentados por diversas culturas humanas. Aproxima-se do conceito de holopense, proposto pela Conscienciologia, conjunto de todos os pensamentos, sentimentos e energias gravitantes em determinado ambiente.

Pontos de refutação. Não pode ser empregada como hipótese principal para a explicação dos fenômenos, e sim, na qualidade de hipótese complementar. Isso porque, em seus conceitos básicos, tem condições de esclarecer suficientemente somente uma parcela dos fenômenos parapsíquicos. Efeitos da telecinesia, ectoplasmia e materializações são alguns dos fenômenos que não encontram base teórica em tal hipótese, além desta não fornecer explicações sobre a natureza e a formação de tal campo informacional.

E. Hipótese da Prosopopese

Definição. A *hipótese da prosopopese* procura explicar o transe parapsíquico considerando-o um estado patológico em que o indivíduo cria, conscientemente ou não, *centros psíquicos estranhos* à sua manifestação ordinária, levando à alteração da personalidade e à criação de autônomos ou personalidades sugeridas.

Sinonímia: automatismo; desagregação psicológica; dupla personalidade; personificação sonambúlica; teoria da dissociação.

Defensores. Os defensores desse ponto de vista, em geral, são pesquisadores de áreas tais quais Psicologia e Psiquiatria, que procuram associar os fenômenos com os objetos de estudo por eles conhecidos: distúrbios mentais como a esquizofrenia e a epilepsia.

Pontos de reforço. Essa hipótese fortalece-se quando indivíduos considerados sensitivos passam por tratamentos de distúrbios e, aparentemente, “curam-se”. Além disso, pesquisadores tentam exaltar as semelhanças existentes entre os sintomas dos distúrbios e os fenômenos a fim de tentar enquadrá-los como sendo de uma mesma origem.

Pontos de refutação. O principal ponto fraco dessa hipótese é que, mesmo se o transe pudesse ser explicado dessa forma, nem todo fenômeno é acompanhado de transe. Assim, ela é insuficiente para abranger a totalidade dos fenômenos, exigindo análises complementares sobre as parapercepções obtidas no estado de vigília física ordinária.

F. Hipótese da Metagnomia

Definição. A hipótese da metagnomia consiste em considerar o fenômeno parapsíquico resultado de transmissão de informação por vias extra-sensoriais próprias de um sexto sentido, ainda desconhecido pela Ciência, que se desenvolve em indivíduos cuja acuidade sensorial é extremamente elevada (VILELA, S. D, p. 90).

Sinonímia: hipótese criptestésica; hipótese da diapsique; hipótese da panestésia; hipótese da psicognose; hipótese telestésica; hipótese da telenesia.

Pontos de reforço. A metagnomia fortalece-se como hipótese por abarcar grande quantidade de fenômenos sob a mesma estrutura hipotética. Subdivide-se em diversos tipos, dentre os quais: metagnomia autoscópica, intuitiva, perceptiva, profética, rábica, tátil, telepática e telestésica.

Pontos de refutação. A maior fragilidade dessa hipótese é que, apesar de abarcar grande quantidade de fenômenos, não chega a explicar a sua natureza, não esclarece qual a sua gênese.

Insuficiência. Além disso, não engloba em seu corpo teórico proposições satisfatórias para fenômenos de efeitos físicos nem para experiências lúcidas fora do corpo.

G. Hipótese da Prosopopese-metagnomia

Definição. A hipótese da prosopopese-metagnomia é a junção das duas hipóteses anteriores com o objetivo de que as lacunas deixadas por uma sejam preenchidas pelo arcabouço teórico da outra, ou seja, as manifestações de transe parapsíquico são entendidas da prosopopese, enquanto a obtenção de informações por vias extra-sensoriais é explicada pela metagnomia.

Ponto de reforço. Essa união formou a mais consistente das hipóteses naturalistas sobre os fenômenos, que se torna mais abrangente e com capacidade de resolver boa parte das questões propostas por seus pesquisadores.

Pontos de refutação. Apesar de ser uma hipótese bem estruturada, ainda possui lacunas teóricas que são suficientes para invalidá-la. O estudo dos fenômenos apresenta ao interessado uma realidade que, em sua complexidade, é simples. Um pesquisador-sensitivo sabe que a separação dos fenômenos em categorias distintas é útil em caráter didático, embora na prática, se apresentem de forma integrada e concomitante. O que se espera de uma teoria unificadora, para que seja aceita como teoria-líder na explicação de determinado evento, é que, num enunciado simples, demonstre todo o universo das percepções extrafísicas. Quanto

mais “remendo” se faça entre teorias para conseguir cobrir erros e omissões teóricas, mais inconsistentes elas serão.

Fenômenos. Além disso, há categorias parafenomenológicas para as quais as hipóteses naturalistas não possuem explicações razoáveis pelo fato de não conseguir reduzi-las a variáveis intrafísicas. Abaixo, seguem listados 11 tipos de fenômenos, todos com exaustiva casuística em literatura específica, nos quais há a necessidade de inteligências extrafísicas – consciexes – para a sua explicação:

01. **Aparição de consciexes.** Principalmente as de consciências recém-dessomadas em seu leito intrafísico de morte (BOZZANO, 1982b, p. 17 a 131).

02. **Bilocações físicas.** Manifestações de conscins pelo psicossoma densificado, assumindo características praticamente físicas (AKSAKOF, S. D., 2º tomo, p. 229).

03. **Correspondências cruzadas.** Comunicação psicográfica feita de maneira fragmentada, por intermédio de mais de um sensitivo, em que a mensagem só faz sentido quando se unem todos os trechos (BOZZANO, 1992, p. 200).

04. **Ectoplasmia.** Caso de materialização de consciexes através de exteriorização de energia densa de sensitivos (GIBIER; BOZZANO, 1976, p. 109 a 150; RODRIGUES, 1980).

05. **Pneumatofonia.** Fenômeno de efeito físico caracterizado pela comunicação através da fala direta, por aparelho vocal de consciex materializada (VIEIRA, 1999, p. 185).

06. **Pneumatografia.** Fenômeno de efeito físico caracterizado pela comunicação através da escrita, por punho de consciex materializada (AKSAKOF, S. D., 1º tomo, p. 141).

07. **Poltergeist.** Especialmente casos de *RSPK* (*Recurrent Spontaneous Psychokinesis*): telecinesia recorrente em ambientes onde não há sensitivo doador de ectoplasma e, mesmo assim, ocorrem fenômenos controlados por algum princípio inteligente (MORRIS, 1977, p. 11).

08. **Projeções conscientes.** Experiência lúcida fora do corpo físico, principalmente a auto-experimentação, que permite autocomprovação, pessoal e intransferível (VIEIRA, 1999, p. 104).

09. **Psicografia.** Especificamente o caso dos *fascimile writing*, em que consciex apresenta a mesma grafia que tinha enquanto conscin (AKSAKOF, S. D., 2º tomo, p. 307).

10. **Reconhecimento.** Em casos nos quais dados fornecidos por consciex que, enquanto conscin, era desconhecida, podem ser verificados objetivamente (AKSAKOF, S. D., 2º tomo, p. 321).

11. **Xenoglossia.** Casos em que o sensitivo em transe comunica-se verbalmente, ou através da escrita, em idioma desconhecido para si próprio. Há casos em que o sensitivo comunica-se em língua morta há vários milênios, como por exemplo o egípcio arcaico (PIRES, 1981, p. 44).

ARGUMENTAÇÕES CONCLUSIVAS

Crítica. Em pesquisa científica não é suficiente, para refutar uma hipótese anteriormente consolidada, dizer que ela é inconsistente. É necessário que a crítica seja fundamentada na apresentação de outra hipótese, mais consistente que a anterior, que se adapte melhor aos casos propostos.

Hegel. O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) criou um projeto filosófico para tentar compreender o curso da história humana. Em seu ponto de vista, a construção do conhecimento é progressiva e passa por 3 estágios distintos:

1. **Tese.** Ponto de vista vigente empregado na interpretação de determinado fato.

2. **Antítese.** Negação do ponto de vista anterior, através da elaboração de tese contrária.

3. **Síntese.** Negação da negação. Ponto de vista apresentado após discussões empreendidas pelos defensores da tese e da antítese, em que, em geral, apresenta-se ponto de vista mais ponderado, equilibrado e mais próximo da realidade dos fatos. A síntese torna-se, com o tempo, a nova tese que, sucedida por uma nova antítese, forma nova síntese, nova verdade relativa.

Conclusões. Com base nas exposições realizadas, pode-se chegar às 13 conclusões abaixo:

01. **Embates.** Quando se trata de hipóteses parafenomenológicas, a primeira explicação quanto à natureza dos fenômenos foi fornecida pela hipótese espiritualista. Em reação ao espiritualismo surgiram as hipóteses naturalistas. Ambos os pontos de vista – espiritualista e naturalista – confrontam-se há mais de 150 anos.

02. **Ponderação.** Divergências entre os diferentes pontos de vista desvirtuaram significativamente a intenção inicial das investigações. É justamente na tentativa de dar exclusividade a uma das hipóteses que os pesquisadores incorrem em erro. Em geral, é do meio termo entre hipóteses rivais que se chega a sínteses mais próximas da realidade.

03. **Tese.** A hipótese espiritualista possui pontos fortes e está embasada em fatos específicos. Contudo, sozinha não é suficiente para explicar todos os fenômenos.

04. **Antítese.** A hipótese naturalista também possui seus pontos fortes e, como a tese anterior, está embasada em fatos específicos. Porém, não pode ser generalizada como teoria-líder por que não abrange a totalidade dos fenômenos.

05. **Síntese.** Uma hipótese síntese que explique de forma mais abrangente a natureza dos parafenômenos deve abarcar ambas as hipóteses: a naturalista e a espiritualista, em seus pontos fortes. Pode-se ter um vislumbre dessa idéia nos trabalhos dos pesquisadores Ernesto Bozzano (1982, p. 285 a 296) e Alexander Aksakof (S. D., p. 392).

06. **Complementaridade.** Sem qualquer uma das duas explicações, a outra torna-se ilógica, pois parafenômenos produzidos pelas conscins ou consciexes, em última instância, são gerados pelas consciências, a princípio com iguais capacidades, porém se manifestando em dimensões diferentes.

07. **Parafenomenologia.** Sob a ótica da Parafenomenologia, a ciência Conscienciologia considera a síntese entre o animismo e o parapsiquismo como sendo o mais abrangente apresentado até o momento para explicar a totalidade dos fenômenos extrafísicos, através da *hipótese do corpo objetivo* (VIEIRA, 1999, p. 973).

08. **Hipótese.** A *hipótese do corpo objetivo* está fundamentada na idéia de que há outros corpos de manifestação, reais e não-físicos. As percepções parapsíquicas são, assim, captações sensoriais de sentidos parafisiológicos, extrafísicos e naturais de veículos de manifestação mais sutis que o corpo físico e são percebidas pelo indivíduo utilizando o corpo biológico a partir de desencaixes, descoincidências do conjunto de veículos, o holossoma.

09. **Abrangência.** A hipótese supracitada consegue explicar simultaneamente os fenômenos anímicos, paraperceptivos, projetivos e mediúnicos, a sobrevivência pós-morte, as manifestações extrafísicas e a multiexistencialidade, de modo unificado, oferecendo visão ampla e global sobre a natureza parafenomenológica. Sendo assim, configura-se como a verdade relativa de ponta ou a hipótese parapsíquica atualmente vigente no universo investigativo da ciência Conscienciologia.

10. **Teática.** A metodologia científica do Paradigma Consciencial tem por base a metempíria, conceito segundo o qual os auto-experimentos vivenciados na dimensão extrafísica são as unidades básicas para

a construção do conhecimento. Permitem desenvolver verdades íntimas e intransferíveis. Os consensos grupais formam-se pela união de vivências extrafísicas de diversos pesquisadores.

11. **Participação.** A metempíria, no contexto da ciência parapsíquica, acaba com as figuras básicas da pesquisa acadêmica: o pesquisador (possuidor do conhecimento acadêmico e, por isso, dono da palavra final) e o sensitivo (a cobaia humana para os testes e, por isso, com pontos de vista não levados em conta na maioria dos vereditos). Em Conscienciologia, o pesquisador e o sensitivo são o mesmo indivíduo, possibilitando, assim, maior chance de acertos à pesquisa; a esse método investigativo, denomina-se *autopesquisa*.

12. **Estudo.** A auto-experimentação é o único meio possível de se aprofundar na análise de um parafenômeno, pois somente quem o vivencia sabe de sua real extensão. Mas, em contrapartida, para estar capacitado a qualificar essa análise, o sensitivo deve estar imbuído do conhecimento teórico sobre o assunto a fim de defender cientificamente seus pontos de vista através da refutação cosmoética das demais hipóteses sobre o assunto.

13. **Ferramenta.** Sob a perspectiva da Conscienciologia, os parafenômenos não são um fim, o objetivo máximo dos trabalhos, mas sim uma excelente ferramenta, através da qual se pode potencializar a visão de conjunto e qualificar as relações interconscienciais e, desse modo, contribuir de forma mais eficaz em prol do melhor para todos.

REFERÊNCIAS

01. **Aksakof**, Alexander Nikolayevich; *Animismo e Espiritismo*; trad. C. S.; 712 p.; 4 caps.; 3ª Edição; 2 tomos; br.; FEB; Rio de Janeiro, RJ; S. D.; páginas 22, 34, 392 e 393.
02. **Amadou**, Robert; *Parapsicologia: Ensaio Histórico e Crítico (La Parapsychologie)*; prolog. José Herculano Pires; trad. Miguel Maillat; 422 p.; 45 caps.; ono.; br.; 2ª Ed.; Mestre Jou; São Paulo, SP; 1969; páginas 9, 12, 36, 37, 98, 146, 284, 348, 356, 370 e 404.
03. **Aresi**, Albino; *Fundamentos Científicos da Parapsicologia*; 176 p.; 7 caps.; 5ª Ed.; br.; Associação Mens Sana; São Paulo, SP; 1983; páginas 15, 18, 57, 99 e 130.
04. **Berterman**, Theodore; *Collected Papers on the Paranormal*; VIII + 456 p.; 27 caps.; enc.; sob.; Garret Publications; New York, NY; USA; 1968; páginas 12, 14, 19, 22, 60, 61, 62, 69, 75, 156, 159, 178, 216, 217, 247, 249, 354, 372, 376, 385, 392, 425 e 433.
05. **Bozzano**, Ernesto; *Animismo ou Espiritismo? (Animism or Spiritualism: Which explains the Facts?)*; trad. Guillon Ribeiro; 296 p.; 5 caps.; 3ª Ed.; br.; FEB; Rio de Janeiro, RJ; 1982a; páginas 285 a 296.
06. **Bozzano**, Ernesto; *Comunicação Mediúnica entre Vivos (La Ricerca Psichica)*; trad. Francisco Klör Werneck; apres. José Herculano Pires; 172 p.; 4ª Ed.; br.; Edicel; São Paulo, SP; 1987; páginas 7, 8, 24, 170.
07. **Bozzano**, Ernesto; *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*; trad. Carlos Imbassahy; 268 p.; 17 caps.; 3ª Ed.; br.; FEB; Rio de Janeiro, RJ; 1982b; páginas 17 a 131.
08. **Bozzano**, Ernesto; *Metapsíquica Humana (Metapsichica Umana)*; trad. Araújo Franco; 238 p.; 14 caps.; br.; 4ª Ed.; Federação Brasileira de Espiritismo; Rio de Janeiro, RJ; 1992; páginas 11, 21, 25, 42, 55, 63, 65, 67, 227, 230 e 238.
09. **Crookes**, William; *Fatos Espíritas*; trad. Oscar D'Argonnel; 160 p.; 18 caps.; 8ª Ed.; FEB; Rio de Janeiro, RJ; 1991.
10. **Delanne**, François Marie Gabriel; *Investigaciones Sobre la Mediunidad*; trad. Feliz Rio; 502 p.; 13 caps.; br.; 24 x 16 cm; Editorial Constancia; Buenos Aires; Argentina; 1948; páginas 11, 26, 28, 33, 36, 45, 63, 93, 101, 327, 336, 407 e 425.
11. **First**, Michael B.; Editor; *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders)*; trad. Dayse Batista; XXV + 830 p.; 21 caps.; alf.; 24 x 14 x 6 cm; enc.; 4ª Ed.; Artes Médicas; Porto Alegre, RS; 1995; páginas 264 a 272.
12. **Freire**, António J.; *Fraude no Espiritismo Experimental*; 74 p.; 3 caps.; br.; 2ª Ed.; Federação Brasileira de Espiritismo; Rio de Janeiro, RJ; 1955; páginas 48 e 67.

13. **Gaarder**, Jostein; *O Mundo de Sofia (Sofias Verden)*; trad. João Azenha Júnior; 556 p.; 35 caps.; br.; 57ª impressão; Cia. das Letras; São Paulo, SP; 1995; páginas 384 a 390.
14. **Gibier**, Paul; & **Bozzano**, Ernesto; *Materialização de Espíritos*; pref. e trad. Francisco Klörs Wernwck; 166 p.; 21 caps.; 3ª Ed.; br.; 21 x 14 cm; Eco; Rio de Janeiro, RJ; 1976.
15. **Houaiss**, Antônio; *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*; CD-ROM versão 1.0; Objetiva; Rio de Janeiro, RJ; Dezembro, 2001.
16. **Imbassahy**, Carlos; *Ciência Metapsíquica: dos Fatos à Doutrina*; pref. Levindo Mello; 256 p.; 9 caps.; br.; 18 x 13,5 cm; Edições Mundo Espírita; Rio de Janeiro, RJ; 1949; páginas 10, 12, 13, 17, 31, 33, 34-38, 53, 70, 82, 99, 100, 104, 105, 107, 133, 137, 143, 157, 193 e 253.
17. **Imbassahy**, Carlos; *Hipóteses em Parapsicologia*; pref. José Alberto Menezes; 276 p.; br.; Editora Eco; Rio de Janeiro, RJ; 1967; páginas 16, 27, 48, 68, 102, 104, 114, 152, 194, 202, 203 e 219.
18. **Inglis**, Brian; *Natural and Supernatural: A History of the Paranormal*; 490 p.; 11 caps.; enc; 696 refs.; Hodder and Stoughton; London; UK; 1977; páginas 7, 15, 19, 20, 22, 54, 56, 59, 63, 68, 98, 103, 104, 130, 138, 141, 170, 199, 204, 209, 216, 225, 246, 265, 277, 300, 317, 370, 379, 384, 414, 444 e 445.
19. **Inglis**, Brian; *Science and Parascience: A History of the Paranormal 1914-1939*; 382 p.; 10 caps.; enc; 298 refs.; Hodder and Stoughton; London; UK; 1984; páginas 11, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 34, 47, 53, 62, 95, 105, 118, 119, 132, 152, 163, 221, 225, 266, 268, 271, 303 e 319.
20. **Jung**, Carl Gustav; *A Energia Psíquica (Die Dynamik des Unbewussten über die Energetik der Seele)*; trad. Dom Mateus Ramalho Rocha; 96 p.; 4 caps.; 21 x 13 cm; br.; 8ª Ed.; Editora Vozes; Petrópolis, RJ; 2002; páginas 38, 57, 69 e 72.
21. **Kurtz**, Paul; Editor; *A Skeptic's Handbook of Parapsychology*; Antologia; XXVIII + 728 p.; 30 caps.; br.; Prometheus Books; Buffalo; New York, NY; USA; 1985; páginas XIII-XVII, 8, 12, 16, 23, 25, 43, 46, 129, 175, 185, 186, 187, 196, 197, 207, 209, 225, 235, 287, 340, 364, 372, 503 e 654.
22. **Lee**, Paul; *Ciências versus Pseudociências*; 224 p.; 6 caps.; 147 refs.; 22 x 15 cm; Expoente; Curitiba, PR; 2003; páginas 42 a 48.
23. **Lombroso**, César; *Hipnotismo e Mediunidade (Ricerca sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici)*; trad. Almerindo Martins de Castro; 436 p.; 15 caps.; 4ª Ed.; FEB; Rio de Janeiro, RJ; 1990; páginas 9, 29, 30, 34, 38, 53, 56, 119, 120, 162, 168, 183, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 212, 215, 220-235, 248, 252, 269, 283, 326, 341, 360, 387, 418 e 429.
24. **McConnell**, R. A.; *Encounters with Parapsychology*; Antologia; X + 236 p.; 16 caps.; br; Biological Sciences Department – University of Pittsburgh; Pittsburgh; Pennsylvania; USA; 1981; páginas 1, 3, 9, 17, 27, 41, 44, 47, 56, 81, 95, 101 e 113.
25. **McConnell**, R. A.; *Parapsychology and Self-deception in Science*; VIII + 150 p.; 7 caps.; br; Biological Sciences Department – University of Pittsburgh; Pittsburgh, Pennsylvania; USA; 1982; páginas 1, 19 e 24.
26. **Morris**, J. D.; et al.; Editores; *Research in Parapsychology 1976*; Antologia; 288 p.; 20 caps.; enc.; The Scarecrow Press; Metuchen; New Jersey; USA; 1977; páginas 9, 11, 13, 20, 57, 61, 70, 84, 116, e 219-229.
27. **Paula**, João Teixeira de; *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*; 480 p.; 3 tomos; enc.; Banco Cultural Financeiro Editora; São Paulo, SP; 1970.
28. **Paulí**, Enrique Novillo; *Los fenómenos parapsicológicos*; apres. Joseph Bank Rhine; 344 p.; 18 caps.; br.; Editorial Kapelus; Buenos Aires; Argentina; 1975; páginas 39, 126, 127, 159, 160, 171, 200.
29. **Pires**, José Herculano; *Parapsicologia Hoje e Amanhã*; 216 p.; 27 caps.; 6ª Ed.; br.; Edicel; São Paulo, SP; 1981; páginas 13, 15, 23, 25, 42, 44 e 206.
30. **Pushkin**, Veniamin Noevich; & **Dubrov**, Aleksandr Petrovich; *Parapsychology and Contemporary Science (Parapsikhologiya i Sovremennoe Estestvoznanie)*; VI + 222 p.; 22 caps.; enc; 329 refs.; Consultants Bureau; New York, NY; USA; 1980; páginas 18, 28, 66, 117, 119, 166 e 167.
31. **Quevedo**, Oscar Gonzáles-; *A Face Oculta da Mente*; 394 p.; 26 caps.; 17ª Ed.; br.; Edições Loyola; São Paulo, SP; 1968; páginas 12, 37, 41, 59, 113, 140, 286, 317 e 352.
32. **Quevedo**, Oscar Gonzáles-; *As Forças Físicas da Mente*; 584 p.; 16 caps.; 2 tomos; br.; Edições Loyola; São Paulo, SP; 1968; páginas 12, 13, 15, 479, 480 e 510.
33. **Rhine**, Joseph Banks; & **Brier**, Robert; *Parapsicologia Atual (Parapsychology Today)*; trad. Nair Lacerda; 252 p.; 27 caps.; 9ª Ed.; Cultrix; São Paulo, SP; 1977; páginas 165, 170, 200 e 210.

34. **Rhine**, Joseph Banks; *O Alcance do Espírito (The Reach of the Mind)*; trad. E. Jacy Monteiro; 220 p.; 12 caps.; br.; Editora Bestseller; São Paulo, SP; 1965; páginas 15, 18, 19, 22, 27, 43, 200, 207, 210 e 217.
35. **Rhine**, Joseph Banks; *O Novo Mundo do Espírito (New World of the Mind)*; trad. E. Jacy Monteiro; 286 p.; 10 caps.; br.; Editora Bestseller; São Paulo, SP; 1966; páginas 16, 17 e 19.
36. **Rhine**, Louise B.; *Canais Ocultos do Espírito (Hidden Channels of the Mind)*; pref. Joseph Banks Rhine; trad. E. Jacy Monteiro; 260 p.; 16 caps.; br.; Bestseller; São Paulo, SP; 1966; páginas 14 e 16.
37. **Richet**, Charles Robert; *Tratado de Metapsíquica (Traité de Métapsychique)*; trad.; Maria José Marcondes Pereira; & João Teixeira de Paula; 2 Vols.; 314 p.; 7 caps.; Vol. 2; enc.; LAKE; São Paulo, SP; S. D.; páginas 39, 243, 247, 248, 261 e 273.
38. **Rodrigues**, Wallace Leal V.; *Katie King*; X + 212 p.; 27 caps.; 2ª Ed.; br.; 18 x 13 cm; Editora O Clarim; Matão, SP; 1980.
39. **Schatz**, Oskar; Org.; *Manual de Parapsicologia (Parapsychologie)*; Antologia; trad. Cláudio Gancho; 376 p.; 11 caps.; br.; Editorial Herder; Barcelona; Espanha; 1980; páginas 7, 8, 19, 24, 32, 37, 39, 56, 58, 129, 134, 172, 174 e 269.
40. **Sudre**, René; *Tratado de Parapsicologia (Traité de Parapsychologie)*; trad. Constantino Paleólogo; br.; 21 x 14 cm; Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro, RJ; 1966; páginas 71, 176, 184, 185, 239, 305, 377, 378 e 389.
41. **Vieira**, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 150 abrevs.; glos. 300 termos; 43 ilus.; 5 índices; 2.041 refs.; 1 sinopse; alf.; geo.; ono.; 5ª Ed.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2002; 57-82, 973, 975 e 976.
42. **Vilela**, António Lôbo; *Hipóteses Metapsíquicas*; 136 p.; 9 caps.; br.; Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas; Porto; Portugal; S. D.; páginas 29, 30, 36, 38, 40, 43, 45, 51, 53, 56, 58, 63, 73, 83, 84, 85, 90, 95, 97, 106-110, 112, 115, 117, 118, 121, 123 e 126.
43. **Wallace**, Alfred Russel; *O Aspecto Científico do Sobrenatural (The Scientific Aspect of the Supernatural)*; apres. e trad. Jader dos Reis Sampaio; 148 p.; 10 caps.; br.; Publicações Lachâtre; Niterói, RJ; 2003; páginas 7, 8, 9, 14, 17, 19, 20, 21, 23, 28, 33, 36, 42, 70, 73, 79, 88, 93 e 115.

